

Reflexões carnavalescas acerca de um texto de Masud Khan: Eros em face ao risco de desumanização

Luciana Pires

Puras figuras de linguagem
Na libidinagem

Dedo de cá
Dedo de lá
Toda conversa, vira-e-mexe no sexo desce
(Tom Zé)

Eu sento, tu sente
Eu sento, tu sente
Eu sento, tu sente
Assim é a gente
(Pabllo Vitar)

Ziriguidum. Lá fora é carnaval. Multidões cantam e dançam em cada esquina. O bloco *Obscênicas* sai pelas ruas cantando “enxáguo a nascente, lavo a porra toda”; o bloco *Agora vai* entoia “eu vou gozar-gozar-gozar pra você ver”; dança-se ao ritmo do *trap* do Trepa Trepa; aqui e acolá, ouvimos Anitta dizer “eu tenho mil problemas, mas nenhum deles é não ser gostosa”; e muito, muito mais. Fala-se de sexo por todos os lados.

E enquanto isso, tenho a tarefa de escrever sobre “Pornografia e as Políticas da Raiva e da Subversão”, texto escrito em 1972 por Masud Khan, psicanalista paquistanês residente em Londres, e publicado em seu livro *Alienation in Perversions* (1979). Nesse livro, o psicanalista afirma que “o perverso coloca um objeto impessoal entre seu desejo e seu cúmplice: esse objeto pode ser uma fantasia estereotipada, um artifício ou uma imagem pornográfica” (Khan, 1974/1989, apud Poore, 2015, p. 186, tradução nossa). E esses objetos impessoais têm como consequência alienar o sujeito perverso “de si mesmo, assim

Luciana Pires. Psicanalista vinculada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP) e ao Instituto Sedes Sapientiae. luciana.pires@uol.com.br

como, infelizmente, do objeto de seu desejo” (ibid., p. 186, tradução nossa). Khan lamenta que o investimento em um objeto *impessoal*, posto entre duas pessoas (potencialmente) desejantes, impeça o desenrolar de uma relação psiquicamente nutritiva e impossível, dessa forma, a fruição do contato consigo mesmo e com o outro. Retrata, assim, um campo adoecido em que o desmanche das relações afetivas impera, tendo em vista que se relacionar eroticamente seria, para Khan, a aventura parturiente da vida humana por excelência.

No livro *Agonia de Eros*, o filósofo sul-coreano Byung Chul Han parece desenvolver um ponto de vista semelhante ao de Khan. Ele caracteriza Eros como uma força intrinsecamente transformadora e revolucionária, que desapropriaria a natureza das coisas e dissolveria as formas pré-existentes, possibilitando modos de vida e de sociedade novos. Eros representa, portanto, uma “fidelidade [ao] porvir”, colocando o tempo em movimento. Já a pornografia é definida por Chul Han e Khan como “o exato oposto do erótico” (Chul Han, 2017, p. 53), servindo “ao mero viver exposto” e à “diminuição do mistério e do enigma” (Chul Han, 2017, p. 60). No entendimento desse autor, “pornográfica é precisamente a falta de toque e de encontro com o outro, (...) [que] protege o ego do toque alheio ou [de] ser capturado” (Chul Han, 2017, p. 80).

Khan compreende que, na pornografia, “o que se disfarça de intimidade mútua e extasiante por meio de eventos somáticos é, na verdade, uma produção mental estéril e alienada” (Khan, 1972/2025, p.100). Em “Pornografia e as Políticas da Raiva e da Subversão”, defende, com particular contundência, a natureza desumanizante da pornografia, que é por ele caracterizada como ladra dos sonhos. Reconhece ainda que o tempo na pornografia é o do presente perpétuo e estático, diferente do germe de futuro que o erotismo pressupõe. A pornografia promoveria uma “negação do self e do objeto”, de modo que “nunca há qualquer emoção, relação de objeto ou experiência de self” (Khan, 1972/2025, p.99). Sem si mesmo, sem outro, sem tempo, o modo pornográfico de se relacionar, para Khan, estabelece relações violentas que assassinam a oportunidade de movimento vital do sujeito e do objeto. Mais ainda, considera a política da pornografia como inerentemente fascista, por explorar instâncias extremas de submissão e humilhação, além de cultivar a despersonalização, a dissociação e a violência. A política¹ da pornografia engendra, assim, sujeitos submissos, humilhados e violentados, ao mesmo tempo que (e por isso mesmo) despersonalizados e dissociados; sujeitos mergulhados em um estado imobilizador, alienante e aniquilador das potências de vida.

1 Benjamin Poore faz um interessante comentário sobre o estranhamento da presença da palavra “política” no título do texto que estamos analisando, por tratar-se de uma palavra e um campo bem pouco explorados na obra de Khan. “O que é peculiar sobre este capítulo é que Khan inclui a palavra política com tal destaque em seu título, para depois usá-la apenas duas vezes ao longo do texto (...). De fato, a palavra “política” não é de modo algum encontrada em seus três livros principais.” (Poore 2015, p.139)

O psicanalista destaca também o isolamento do consumidor de pornografia: “enquanto o prazer da obscenidade é predominantemente social, o prazer da pornografia é predominantemente privado” (Gorer, 1962, apud Khan, 1972/2025). E, com estas palavras, retornamos aos temas carnavalescos deste Brasil de 2025 com os quais abrimos nosso texto: *Obscênicas, Agora vai*, Anitta e Luisa Perisse espalham obscenidades e colaboram para a construção de um evento coletivo de grande ligação erótica, uma explosão erótica coletiva, por assim dizer. Nada é privado ou isolado no carnaval brasileiro. O historiador Luiz Antonio Simas é um grande defensor do carnaval enquanto evento de excelência e resistência cultural da população oprimida brasileira, sobretudo dos afrodescendentes. Ademais, aponta que muitos daqueles que detratam o carnaval o fazem, entre outras coisas, em nome de um elitismo europeu branco que busca desprestigiar as marcas da cultura negra; e pontua, na contra-mão, “precisamos morar na encruzilhada da alteridade como mecanismo de compreensão e vivência compartilhada do mundo, com a ousadia dos surdos de terceira em baterias de escolas de samba” (Simas, 2019, p. 26).

Khan abre seu texto de 1972 com duas citações da literatura erótica, que são apresentadas como exemplos da pornografia que pretende criticar. Uma de Francis Pollini (1930) e outra de Marquês de Sade (1740 - 1814). Na primeira citação, temos a descrição de uma situação de *fisting* e, na segunda, de espancamento, ambas acompanhadas de grande excitação sexual por parte das personagens. Traremos breves trechos dessas citações para servir de ponto de partida. Ao retratar dois parceiros de sexo, Pollini escreve: “O braço dele deslizava, penetrante, quase até o cotovelo, (...) ele golpeou e golpeou, ela começou a gritar, era um *sonho selvagem*, o suor escorria dele...” (Pollini, 1968, apud Khan 1972/2025 grifo meu). E em Sade encontramos: “Ele estava nu. Uma vez firmemente amarrado, foi ferozmente espancado (...), seu monstruoso instrumento subiu como um foguete (...) e (...) lançou impetuosamente sua porra no meio da sala” (Sade, 1965, apud Khan, 1972/2025). Gostaríamos de destacar que a referência ao sonho selvagem nos escritos de Pollini é provocativa da negação peremptória de Khan de que haja qualquer presença de sonhar elaborativo e ampliador da capacidade psíquica de viver no contexto de relação pornográfica.

Se, por um lado, acompanhamos o argumento ético-psicanalítico de Masud Khan com relação à perversão, discordamos, no entanto, de sua apreciação da literatura erótica, como ilustração retórica. É incômodo lê-lo pontuar que toda literatura erótica “é uma literatura constrangedoramente ruim” que “raramente alcança a qualidade da literatura

propriamente dita” (Khan, 1972/2025, p. 99). Ele, aqui, parece estar fazendo equivaler a literatura erótica à pornografia e, outrossim, essas duas últimas à perversão. Mais estranho ainda é acompanhar o argumento de Khan de que a desqualificação dos textos eróticos recai sobre sua inverossimilhança, denunciando que textos como os de Sade “são totalmente inviáveis em termos do corpo humano real e de suas capacidades” (Khan, 1972/2025, p. 98). Muito espanta que uma literatura seja detratada justamente por seu caráter ficcional que é o que a define intrinsecamente.

Na contramão, a estudiosa da literatura erótica Eliane Robert Moraes vem ao nosso alcance para testemunhar que a qualidade literária de um escrito não reside absolutamente na presença ou não de obscenidade, pornografia ou erotismo (Moraes, 2023). Dito de outro modo, como em qualquer categoria literária, existem textos eróticos bons e textos eróticos ruins. Em defesa da literatura erótica, Moraes atesta que “não há erotismo sem fantasia, assim como não há literatura sem ficção” (Moraes, 2015, p. 20). Desse modo, em contraposição ao entendimento de Khan, a estudiosa entende que a literatura erótica pode ser ampliadora do erotismo fundante da vida, pois “se a fabulação dos amantes visa prolongar a intensidade do desejo, ao texto que lhe corresponde cabe prolongar indefinidamente as imagens fabuladas” (Moraes, 2015, p. 21). E mais especificamente sobre Sade, pontua com entusiasmo: “Sade não fala daquilo que o ser humano é, ele fala daquilo que não é, do que nunca foi, do que nunca será”, teatralizando assim “o impossível” (Moraes, 2023).

Mas Khan está longe de ser alheio ao mundo da literatura, tendo feito bacharelado em Literatura Inglesa e mestrado sobre o romance *Ulysses* de James Joyce, ambos na Universidade de Punjab, no que hoje é o Paquistão. É sabido, inclusive, que estabeleceu como pré-requisito para a escolha de sua primeira analista em Londres que fosse alguém interessado em literatura e cultura (Poore, 2014), tal é o modo como o acontecimento de seu vir-a-ser psicanalista esteve sempre entrelaçado ao campo da literatura. Como entender então esse seu posicionamento simplificador do fazer literário?

Ainda sobre a influência da literatura na formação do psicanalista, convoco em nosso auxílio a tese de doutorado intitulada *Modernism and the Making of Masud Khan*, escrita e defendida em 2014 por Benjamin Poore, na Universidade de Londres. Nela, Poore coleciona as referências literárias presentes na obra e na biblioteca particular de Khan, para com elas circunscrever o campo constitutivo de seu porvir psicanalítico e existencial. Destaca especialmente a influência que *Ulysses* de James Joyce e *Four quartets* de T. S. Eliot tiveram sobre sua concepção de homem. O estudioso

entende que o encantamento de Khan pela cultura modernista europeia – calcada nas figuras canônicas de Joyce, Eliot, Woolf, Baudelaire, Picasso e Freud – tem lugar basal e constitutivo para ele, enquanto psicanalista e enquanto sujeito. Reconhece reflexos dessa base identificatória em diversos aspectos de sua vida e obra: em sua escrita psicanalítica e nos ideais de sua teoria psicanalítica; nas atitudes e respostas que ele compõe diante de sua complexa origem étnica, política e histórica; e em sua concepção da subjetividade humana. Vale enfatizar ainda que Khan era adepto de um modernismo particularmente tradicional “tal qual foi canonizado, institucionalizado e discutido de 1950 em diante, na Inglaterra e na França”, nos centros metropolitanos tradicionais do euro modernismo, isto é, Paris e Londres (Poore, 2015, p. 26 nossa tradução).

É muito curioso aprender que o romance *Ulysses* – que Khan leu e releu muitas vezes em vida, sobre o qual escreveu sua dissertação de mestrado e que Poore entende ter lugar paradigmático em seu projeto existencial – foi “banido como obsceno antes de ser publicado pela primeira vez como um romance completo”, sendo considerado uma obra de perversão (Potter, 2022). Para os padrões dos anos vinte, o romance era sexualmente explícito em demasia. Nele, por exemplo, Leopold Bloom, personagem principal do livro, masturba-se em uma praia ao observar uma mulher com vinte e poucos anos e sua esposa, Molly, reflete “sobre as alegrias de ser “fodida” com força por seu amante.” (Potter, 2022) Será que se trataria então apenas de uma inclinação de gosto: Khan prefere Eliot e James a Sade e Pollini? Um de seus autores prediletos, T. S. Eliot, defende que “a censura dos livros modernistas, incluindo *Ulysses*, era baseada em um erro de categoria” (Potter, 2022). Literatura e pornografia sendo entendidas como termos que deviam ser mutuamente excludentes. Concordamos com a argumentação de Eliot e, por conseguinte, discordamos da crítica que Khan faz à obra de Pollini e Sade. O apontamento sobre a deturpação relacional que a função pornográfico-perversa pode produzir não seria válido para pensarmos toda a extensão da literatura erótica, como indica Khan.

Outro ponto que vale destacar é que Khan não costuma ser considerado moralista no que tange aos modos e costumes, inclusive sexuais, como sua obra e seu diário, recentemente publicado, parecem comprovar. No artigo que estamos analisando, aliás, ele se refere acida e jocosamente aos moralistas culturais (de quem os escritores eróticos têm que se defender) como “guardiões anacrônicos e eunucos da vitalidade em declínio da cultura” (Khan, 1972/2025, p.99). Se ele se posiciona contrário à literatura erótica, entendemos então que não é para se alinhar aos defensores da moral e dos bons costumes. A despeito disso, como viemos desenvolvendo, ele adota um

posicionamento inegavelmente conservador em relação à literatura erótica (e até à pornografia, como aprenderemos com Paul Preciado mais adiante).

Como podemos compreender a linha argumentativa que Khan adota no artigo em questão? E que proveito podemos tirar da discussão que levanta? Acompanhamos a aceção da pornografia entendida não como conteúdo, tampouco em uma chave moralista, mas como qualidade ética de encontro com o outro. De algum modo, Khan nos adverte que nem toda literatura cumpre função de literatura, nem toda fantasia fantasia, nem todo sonho sonha, nem todo erotismo cumpre sua função erótica. (E podemos afirmar, mais além, que nem toda pornografia necessariamente deserotiza.) Nesta altura de nosso debate, faria mais sentido falar de uma função pornográfica do que de pornografia, pois o problema não é falar de sexo, mas falar, escrever, filmar ou cantar um sexo não desejante, um sexo que não esteja em abertura para o outro, ademais, um sexo que anula o outro em sua alteridade. Tratar-se-ia, portanto, de uma definição ética da pornografia, preocupada com o efeito e não com a coisa-em-si.

Fazendo, com Eliane Robert Moraes, a ressalva de que literatura erótica tem qualidade, interessa-nos compreender – para além de Sade e Pollini – o modo de relação perversa consigo e com o outro que Khan denuncia. Que qualidade de relação é essa que ele denuncia? Voltemos à listagem de desapropriações e assaltos atribuídas por Khan à pornografia: ela é fascista; desumanizante; incitadora de submissão e humilhação; habitante de um tempo presente estático e eterno; cultivadora de despersonalização, dissociação e violência; alienante; e, por fim, incapacitante do sonhar.

Pretendemos expandir sua ideia de que ações pornográficas roubariam nossos sonhos, fazendo-nos acompanhar da leitura de dois outros artigos seus: “Uso e Abuso do Sonho na Experiência Psíquica” (1972/1977) e “Beyond the Dreaming Experience” (1976/1983). Assim como Donald Winnicott deslocou o olhar psicanalítico do conteúdo do brincar para a capacidade de brincar, nos dois textos citados acima, Khan estabelece uma diferenciação entre a experiência do sonhar e os conteúdos do sonho lembrado, fazendo uma advertência a uma espécie de mostração do texto do sonho que a história da psicanálise, desde *A interpretação de sonhos* de Freud, corre o risco de incitar. O que importa é se somos capazes de brincar e de sonhar. Apoia-se no texto winnicotiano de 1971, “Sonhar, fantasiar e viver: uma história clínica que descreve uma dissociação primária”, em que Winnicott denuncia um fantasiar estéril e clama pela recuperação da potência da imaginação, relacionada simultaneamente ao sonho e à realidade. É assim que o fantasiar, tal qual o sonhar e o estar em relação, precisam

fertilizar-se a partir da instalação no espaço transicional, em que a localização intermediária permite que tanto o self quanto o outro sejam transformados. Khan complementa que “o sonho que se concretiza no espaço-sonho de determinado paciente leva à personalização da experiência onírica e tudo o que ela acarreta, em termos de pulsão e relacionamento objetal” (Khan, 1972/1977, p. 378). Vale frisar a importância de que as experiências vividas – porque não dissociadas – sejam personalizadas e assim integradas ao psiquismo do sujeito, transformando-o, tanto no plano pulsional quanto no objetal. É isso que a relação pornográfica, tal qual Khan a conceitualiza, não seria capaz de produzir.

Concluimos que, no entender de Khan, a ação pornográfica não acontece no espaço-sonho, tampouco no espaço transicional ou potencial, mas relaciona-se à ideia de adição que se caracteriza por uma relação com um não-outro que excita, mas não transforma, e, por isso mesmo, precisa sempre ser constantemente reiniciada. Esse modo de relacionar-se – aditivo, perverso e pornográfico – não comporta a sutileza necessária à ética psicanalítica da espera e do não revelado de Masud Khan, para sempre crítico de um modo acelerado e tecnológico de viver. Destacamos a frase de James Joyce que Khan gostava de citar, apontando para a necessidade de delicadeza para apanhar-se os cambaleantes momentos epifânicos de transformação da psique e do sujeito – aqueles que realmente importam: “essas experiências devem ser registradas com extremo cuidado, visto tratar-se dos momentos mais delicados e evanescentes” (Khan, 1974, apud Poore 2015, p. 71, tradução nossa).

Na afirmação de que a pornografia rouba os sonhos, podemos ler, pelo avesso, muitos dos alicerces ético-teóricos da obra de Khan. Proponho agora que revisitemos a afirmação de Khan de que a pornografia rouba os sonhos na companhia das leituras contemporâneas de Jonathan Haidt, Eva Illouz e Paul Preciado.

Isabel Hogben, uma garota de 14 anos, residente em Rhode Island, nos Estados Unidos, relata: “Eu tinha 10 anos quando vi pornografia pela primeira vez. Cai no *PornHub*² por acaso, depois voltei por curiosidade. O site não verifica idade, não exige documento, não pergunta se você tem mais de 18 anos. É fácil de encontrar, impossível de evitar e se tornou um rito de passagem frequente para jovens da minha idade” (Haidt, 2024, p. 84). Preocupado com os efeitos da virtualidade na saúde mental contemporânea, o psicólogo Jonathan Haidt se pôs atento aos efeitos do consumo de pornografia digital sobre o desenvolvimento emocional e sexual da população.

2 PornHub é um dos mais populares websites destinados ao compartilhamento de conteúdo pornográfico.

Ele nos conta que a pornografia movimenta 40% do tráfego diário na internet e reconhece que seu consumo frequente tem acarretado uma diminuição do tempo de brincar entre pré-adolescentes, assim como um prejuízo na qualidade dos relacionamentos românticos e sexuais. Segundo sua previsão, o futuro deve nos reservar situações ainda mais complicadas com o aprimoramento de bonecas virtuais, robôs sexuais, metaverso, vídeo espacial e inteligência generativa.

A socióloga franco-israelense Eva Illouz denuncia a desarticulação da apreensão intuitiva do objeto gerada pelo uso de aplicativos de paquera. Ela estuda os efeitos do liberalismo, consumismo e neoliberalismo no comportamento sexual, e mais especificamente, “o impacto de aplicativos de paquera na imaginação romântica de nosso tempo” (Velano, 2025, p. 10). Reconhece que os modelos de interação da cultura digital têm formatado um novo modo de imaginação pautado em “uma apreensão com base em propriedades e qualidades mortas de um objeto”, dificultando, assim, o exercício do “pensamento intuitivo e a própria capacidade de pensar, porque lança o sujeito em uma execução imediata de julgamentos e classificações da realidade” (Velano, 2025, p. 10-11). A partir do que é proposto por esses aplicativos, acompanhamos, portanto, uma alteração da gramática de interação amorosa. No entendimento de Illouz, tal movimento faria parte de uma *pornificação* da cultura, ao transformar o indivíduo em uma mercadoria. “Hoje nos consumimos uns aos outros”, afirma a socióloga (Illouz, 2021).

PornHub, *XVideos*³, matches, cardápio de amantes... Haidt e Illouz denunciam uma alteração contemporânea nos modos de amar que se dá como decorrência da colocação de uma vitrine virtual entre o sujeito-que-se-constrói-enquanto-amante e seu objeto-de-amor-em-construção. A vitrine virtual seria, afinal, o objeto impessoal, nas palavras de Khan, com a qual nossa cultura estaria pervertendo o desenvolvimento sexual e amoroso de nossos contemporâneos, transformando amantes potenciais em mercadorias.

O filósofo Paul Preciado, por sua vez, preocupa-se com alguns aspectos da pornografia, quais sejam, seu caráter privado e individualista, a objetificação mercadológica do ator, protagonista ou personagem da peça pornográfica e o recorte ideológico de poder daquele a quem é permitido se excitar com o consumo da pornografia. Mas, como é de seu feitio, ao invés de condenar a pornografia à extinção (o que seria ingênuo, inclusive), ele se junta àqueles que propõem uma radicalização da mesma, num movimento de depuração otimista

3 *XVideos*, juntamente com *PornHub*, é um dos mais populares websites de compartilhamento de conteúdo pornográfico.

com relação ao porvir pornográfico. Preciado não toma a pornografia como um mal em si, mas a retira da lata de lixo, por assim dizer, e contextualiza suas problemáticas, para então propor transformações. É uma nova pornografia que ele e seus colegas propõem, despida de seu caráter redutor da potência erótica humana. Assim, com Preciado é possível afirmar que nem toda pornografia é perversa; e o que qualificávamos de função pornográfica ficaria melhor qualificada como função perversa.

Em seus estudos e escritos, Preciado recupera a história da origem da palavra *pornografia* e, a partir dessa história, sinaliza o jogo de poder que compõe o campo pornográfico. Segundo o livro *The Secret Museum*, escrito em 1987 pelo historiador Walter Kendrick, a noção de pornografia surge entre 1755 e 1857, no contexto de organização do acesso ao público do conjunto de imagens, afrescos, mosaicos e esculturas das ruínas de Pompéia. Esse conjunto de material exibia um “outro modelo de conhecimento e de organização dos corpos e dos prazeres na cidade pré-moderna e revelava (...) [a] topologia visual [de uma] sexualidade radicalmente distinta da que dominava a cultura europeia no século XVIII” (Preciado, 2018, p. 27). Diante do incômodo que esses achados produziram, decidiu-se pela construção do Museu Secreto, com o levantamento de um muro de separação em pleno museu e permissão de acesso a essa exposição exclusivamente a homens aristocratas. Mulheres, crianças e classes populares ficariam de fora. Preciado infere desse fato histórico que “o corpo masculino aristocrático aparece como uma nova hegemonia político-visual – ou, inclusive, poderíamos dizer político-orgásmica: aquela que tem acesso à excitação sexual em público” (Preciado, 2018, p. 28). Estão, assim, circunscritos os campos de poder: de um lado, a posição de privilégio daqueles que se excitam com a peça pornográfica e, de outro, a posição de desprestígio tanto daqueles cuja excitação não pode acontecer, quanto daqueles que são colocados em posição de objeto excitante.

Preciado não se alinha àqueles que desprezam a pornografia como peça menor da cultura e, contrariamente, denuncia a leitura da pornografia comumente feita nos meios eruditos. Afirma: “O desprezo acadêmico que suscita a pornografia, considerada como *lixo cultural*, se adiciona à força do que poderia denominar-se a *hipótese do masturbador imbecil*, segundo a qual a pornografia é o grau zero da representação, um código fechado e repetitivo, cuja única função é e deveria ser a masturbação acrítica” (Preciado 2018 p. 25). Parece-nos que a posição de Khan, que vimos acompanhando em nossa leitura, coincide com o que Preciado reconhece como “desprezo acadêmico”, alinhando-se assim a um olhar de julgamento elitista.

Preciado concorda, porém, que “assistimos a uma saturação pornográfica (na representação, nos modos de consumo e distribuição da imagem)” (Preciado, 2015, p. 24). E diante dessa constatação de um olhar viciado da pornografia sobre sexo, sexualidade, corpo e relacionamento, ele e outros estudiosos inauguraram um campo de estudos críticos do pornô, o *PornStudies*, que – a partir de uma análise histórica, cultural e política da pornografia – propõe-se a formular soluções alternativas de revitalização e reformulação do que é sexual na cultura. Assim, “as formas de fazer e circular a pornografia têm sido transformadas ao longo dos últimos anos pelos movimentos feministas e de diversidade sexual, criando produções pornôs” inovadoras, denominadas de pós-pornô, pornografia feminista e/ou pornografia queer (Pires, 2016).

Como já deve ter ficado claro, o problema não é falar, atuar ou mostrar sexo, mas, sim, secar o manancial erótico e, portanto, criativo da intimidade. Com Preciado e o pós-pornô, voltamos mais uma vez ao carnaval e ao samba na rua, para nos juntarmos a Vinicius de Moraes e Baden Powell no clamor pela força do encontro amoroso:

Mas tem que querer pra poder amar
(...)
Ah, não existe coisa mais triste que ter paz
E se arrepender, e se conformar
E se proteger de um amor a mais
(...)
Ah, que não seja meu
O mundo onde o amor morreu
(TEMPO DE AMOR, Vinicius de Moraes e Baden Powell)



Resumo Analisamos o texto “Pornografia e as Políticas da Raiva e da Subversão” de Masud Khan, publicado no livro *Alienation in Perversions* (1979). Aproveitamos sua concepção de perversão entendida como um modo de relação impeditiva do enriquecimento psíquico decorrente dos encontros eróticos, onde o que se disfarça de intimidade mútua é, na verdade, uma produção estéril e desumanizante. No entanto, problematizamos sua afirmação de que toda literatura erótica seria pornografia e, mais além, de que toda pornografia seria perversão, contando para tanto com o pensamento de Eliane Robert Moraes, Paul Preciado e outros

Palavras-chave Masud Khan, literatura erótica, pornografia, perversão

Carnavalesque reflections on a Masud Khan text: Eros in the face of the risk of dehumanization

Abstract We analyze the text “Pornography and the Politics of Anger and Subversion” by Masud Khan, published in the book *Alienation in Perversions* (1979). We benefit from his conception of perversion understood as a mode of relationship that impedes the psychic enrichment resulting from erotic encounters, where what is disguised as mutual intimacy is in fact a sterile and dehumanizing production. However, we problematize his statement that all erotic literature is pornography and, further, that all pornography is perversion, counting on the thinking of Eliane Robert Moraes, Paul Preciado and others.

Key-words Masud Khan, erotic literature, pornography, perversion

Referências

- Haidt, J. (2024). *A geração ansiosa: Como a infância hiperconectada está causando uma epidemia de transtornos mentais*. Companhia das Letras.
- Han, B.-C. (2017). *Agonia do Eros*. Vozes.
- Illouz, E. (2021). Eva Illouz: “Vivemos em um mundo colonizado pela hipersexualização dos corpos e das psiques” (Á. Vicente, Entrev.). *El País* (2 de janeiro). Recuperado em 11 de março de 2025, de <https://brasil.elpais.com/cultura/2021-01-02/eva-illouz-vivemos-em-um-mundo-colonizado-pela-hipersexualizacao-dos-corpos-e-das-psiques.html>
- Kendrick, W. (1987). *The secret museum - Pornography in modern culture*. California University Press.
- Khan, M. M. R. (1977). Uso e abuso do sonho na experiência psíquica. In *Teoria, técnica e casos clínicos*. Francisco Alves. (Trabalho original publicado em 1972).

- _____. (1983). Beyond the dreaming experience. In *Hidden selves* (p. 9). Routledge. (Trabalho original publicado em 1976).
- _____. (1989). Ego-orgasm in bisexual love. In *Alienation in perversions*. (pp. 185-196). Maresfield Library. (Trabalho original publicado em 1974)
- _____. (1989b). *Alienation in perversions*. Maresfield Library. (Trabalho original publicado em 1979).
- _____. (2025). Pornografia e as políticas da raiva e da subversão (T. M. Zalberg, Trad.). *IDE*, 47(79). SBPSP (Trabalho original publicado em 1972).
- Moraes, E. R. (2015b). Da lira abdominal. In *Antologia da poesia erótica brasileira* (E. R. Moraes, org.) (pp. 17-50). Ateliê Editorial.
- Moraes, E. R., & Moraes, R. (2023). Eliane Robert Moraes e Reinaldo Moraes explicam por que é bom falar de sexo (P. Bial, Entrev., 31 de maio). TV Globo.
- Pablo Vittar. (s.d.). Amor de Que. Sony Music Entertainment Brasil Ltda. <https://open.spotify.com/intl-pt/album/7l33nvkUCKtJnGCoeFCChf>
- Pires, J. H. (2016). A reinvenção do corpo e do desejo na era do pós-pornô. *Medium*. Recuperado em 6 de março de 2025, de <https://medium.com/@box1824/a-reinven%C3%A7%C3%A3o-do-corpo-e-do-desejo-na-era-do-p%C3%B3s-porn%C3%B4-ec12458904b1>
- Poore, B. (2015). *Modernism and the making of Masud Khan* (Tese de doutorado, Universidade de Londres, Londres).
- Potter, R. (2022). Ulysses aos 100: por que foi banido por ser obsceno (C. Xavier, Trad.). *Revista Vermelho* (1 de fevereiro). Recuperado em 11 de março de 2025, de <https://vermelho.org.br/2022/02/01/ulysses-aos-100-por-que-foi-banido-por-ser-obsceno/>
- Powell, B., & Moraes, V. de. (1966). Tempo de amor. Universal Music Ltda. <https://open.spotify.com/intl-pt/track/44tdaQGnQiLP9k17l-TRIYL?si=c4922817f6f2460a>
- Preciado, P. (2018). Museu, lixo urbano e pornografia. *Revista Periódicus*, 1(8), 20. <https://doi.org/10.9771/peri.v1i8.23686>
- Simas, L. A. (2019). *O corpo encantado das ruas* (10ª ed.). Civilização Brasileira.
- Tom Zé. (2016). Descaração Familiar. In *Canções Eróticas de Ninar*. [S.l.]: Tom Zé. https://www.youtube.com/watch?v=MKFb45kFTZ8&ab_channel=TomZ%C3%A9-Topic
- Velano, M. (2024). Espaço, materialidade e a imaginação prospectiva: o que nos ensinam as novas formas de brincar. *Manuscrito a ser publicado*.
- Winnicott, D. W. (1975). Sonhar, fantasiar e viver: uma história clínica que descreve uma dissociação primária. In *O brincar e a realidade*. Imago. (Trabalho original publicado em 1971)